



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7425 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

O VERBO DA COVID-19

Ingrid da Cruz Silva - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### O VERBO DA COVID-19

A pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença COVID-19 provoca em nós uma turbulência perturbadora, pois suas atuações são silenciosas, mas seus efeitos são capazes de interromper em vida a respiração de quem *ofereceu-se ao olhar dos outros* (CERTEAU, 2013, p.136). Na busca de um *novo normal*, o vírus se tornou uma arma social e, portanto, tomou como alvo e protegeu pela mesma lógica de poder (Butler, 2019) das linhas abissais (Santos, 2007).

Ao lado daqueles que se dedicam a estudar os tecidos sociais nas extensões práticas dos nossos modos de viver e de fazer, proponho me aproximar de uma vultuosidade que governa em silêncio, mas provoca despertamentos definitivos que encerraram o passado, censura o presente e lamenta o futuro de alguns, pois *a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados* (SANTOS, 2020, p.7). Trata-se, portanto de uma aposta *teóricametodológica* ceriteuriana que tem como método *as experiências singulares, as frequentações, as solidariedades, os enfrentamentos, as tensões, os consensos, as rotinas produtivas e as relações de forças que organizam os diferentes espaçostempos em que vivemos e pesquisamos* (FERRAÇO, SOARES E ALVES, 2018, p.37).

O modo de compreender o mundo pelo pensamento abissal pode ser-nos (e foi) fatal, essa lógica se desenvolveu na Modernidade e podemos dizer que esse paradigma dominante se faz presente até hoje pelas experiências que são assentadas através da racionalidade imperativa, que combina formas extremas do individualismo. Santos (2007) define três alianças fatídicas de manipulação das linhas abissais: *o colonialismo, o capitalismo e o patriarcal*.

A quarentena da cartografia abissal produz mais que *epistemicídio*, ou seja, à destruição de algumas formas de saberes locais- ao negar/invisibilizar os conhecimentos e as práticas, negamos também seus sujeitos-, ela traz a morte em diferentes escalas. Esse sistema de desigualdade se apoia na crise sanitária para impor concessões de vida e regulação em ritmos distintos, porém complementares gerando o que será provavelmente a maior crise humanitária de nossa história depois das guerras de conquista. O mapa social da pandemia é um mapa abissal, já que a decisão de “quem merece viver” ou “quem decide quem pode se mover” é influenciada por esse sistema de dominação. Quem olha para os lados encontra o sufocamento provocado pelo vírus, como também pelo colonialismo, capitalismo e patriarcal em *rostos negros, sangue índio e corpo de mulher* (CUÍCA E MÁXIMO, 2020). A operatividade da pandemia é regulada pela herança de uma história em que a norma e o

sacrifício recorrente de algumas vidas tornaram-se vitais para a melhoria de outras. Não à toa, o primeiro caso de morte por Covid-19 no Rio de Janeiro foi de uma empregada doméstica de 63 anos infectada na “casa da sua patroa” localizada no Leblon. O vírus pode não ser visível, mas transparece em números, nomes, pele e ossos a banalização histórica da vida.

A pandemia jogou em cena a própria definição do privilégio como mundo e do mundo como privilégio. A primeira porque sabemos que nem todos os cidadãos puderam permanecer em espaços seguros, e respeitando as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) que de acordo com Santos (2020) foram pensadas apenas para uma parte da população, *os humanos visíveis do mapa abissal* ou a *classe média*. Para alguns grupos a morte pode chegar pelo vírus, pela fome ou pelo tiro. Essa situação é ainda mais intrigante se considerarmos os dados estatísticos da pandemia, na qual a morte atinge 40% a mais negros que brancos.

Em cumplicidade, remonta o mundo como privilégio, sobretudo pela crença de que o mundo seria mais seguro se os riscos, as ambiguidades e as incertezas pudessem ser controladas. Neste sentido, *processos de diferenciação, de classificação e de hierarquização para fins de exclusão* (MBEMBE, 2014 p.51) são codificados na linguagem da política da separação em vez de uma política de humanidade. Dessa forma, o Estado atua para garantir que as pessoas permaneçam em seus lugares e por isso fabrica conceitos de ordem com tendências fascistas, *não a todos os homens, mas apenas a alguns deles* (MBEMBE, 2014 p.51). A pandemia legitimou a política de separação pela mobilidade gerenciada, pois alguns grupos circulam incansavelmente. Cidadãos? Não, engenheiros civis e desembargadores.

O desejo de hierarquizar as relações pelas considerações determinantes-históricas, geopolíticas e econômicas- captura os fundamentos da monocultura, que *baseia-se numa razão indolente, que tem preguiça de reconhecer outros modos e outras experiências de conhecimento, anulando a pluralidade do mundo e a diferença ontológica que nos torna humanidade* (SÜSSEKIND, 2019, p.93). Noutros contextos, essas políticas de conhecimento aparecem como modelos idealizados extensamente em sistemas ocidentais, eurocêntrico, capitalista, heteropatriarcal, colonial, branco. Ampliam suas (in)consistências de superioridade quando é visto como a principal fonte afirmativa das linhas abissais, assim *se reconhece como único, melhor, total, e até mesmo neutro. Torna-se não só homogêneo, mas único* (SÜSSEKIND, 2019. p. 93)

Nós, não fomos preparados para a pandemia e não nos preparamos para enfrentar as desigualdades históricas que nos cindiam abissalmente. Mas, aprendemos nela e com ela que existe uma lógica, e não lógicas de um ponto de partida *metonímico porque ao tomar a parte pelo todo ela contrai, diminui e subtrai o presente e suas ações* (SÜSSEKIND, 2019, p. 93). A partir desse pensamento, gerencia-se um projeto de nação homogeneizado, seguida de uma sociabilidade que isola os sujeitos, com a justificativa de protege-los, *nessas contingências, as autoridades socioculturais tornam-se absurdas por não corresponderem mais a geografia do sentido e os grupos marginalizados, buscam razões comuns para viver* (FERRAÇO, SOARES E ALVES, 2018, p.81).

Em disputa, temos a aposta nos cotidianos, que forjam práticas para criar outros mundos possíveis pelo fortalecimento de processos comunitários e redes de solidariedade. Esses conhecimentos, não são capazes de eliminarem as desigualdades da pandemia, mas emergem sinais, linguagens e práticas que deslocam as normas e as regras do *pensamento abissal*. Dizem que a história não se repete, mas rima. E nos últimos meses, temos rimado uma crise sanitária com acumulação monetária, arrogância judiciária e impunidade autoritária. Esse *jeito de sobre-viver* nos ajuda a enxergar os pontos cegos da pandemia e perceber que para quem sempre viveu isolado, a pandemia também rima com empatia e

partilha.

Palavras chaves: Pandemia. Estudos do cotidiano. Linhas abissais

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CERTEAU; M. *A invenção do cotidiano: 2, Morar. cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos e Educação*. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2018.

MBEMBE, A. *A crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014. 1 ed.

SAMBA enredo da Mangueira. *A verdade vos fará livre*. Intérprete: Marquinho Ar't Samba. Compositores: CUÍCA, M; MÁXIMO, L.C. In: Sambahs de Enredo do Grupo Especial do Rio de Janeiro 2020. Rio de Janeiro. Universal Music, 2020, CD, faixa 1(4 min).

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**, n.79, p.71-94, nov. 2007. \_\_\_\_\_. MENESES, M.P. Epistemologias do Sul. Revista Lusófona de Educação. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n13/13a12.pdf>. Acesso em: 06 de agosto de 2020.

\_\_\_\_\_, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra : Editora Almedina, 2020.

SÜSSEKIND, M. L. A BNCC, o “novo” Ensino Médio e as três ignorâncias das reformas curriculares: arrogante, indolente e malévola. *Retratos da Escola*, v. 13, n. 25, 2019.